

## **SOBRE O MÉTODO: A BUSCA DE UM ENTENDIMENTO DOS HOMENS NO CENTRO DA LUTA SOCIAL**

Daniel Colares Conceição \*

**RESUMO:** O artigo tem a intenção de mostrar como Sartre, utilizando-se de uma visão existencialista, demonstra as ligações entre os homens no seio do movimento do agir e do conhecer, das lutas de classes, explorador contra explorado com o auxílio do sistema Marxista. Ele busca demonstrar o enorme erro que os marxistas contemporâneos estão comentando ao analisar os acontecimentos de seu tempo, do século XX, a partir de premissas *a priori*, dizendo como deveriam ser as lutas dos países ou dos movimentos comunistas marxistas e não como ocorreram. Ele se utiliza da Razão Dialética como ferramenta para demonstrar o conhecimento do homem de seu grupo social e de todos os homens há sua volta. Todo o conhecimento, parcial ou isolado dos homens e de seus produtos devem ser voltados em direção da totalidade que representam, partindo de um indivíduo para chegar há vários, onde o conhecimento histórico e verdadeiro é feito sobre os homens e pelos homens. Movimentos de lutas, idéias, mobilizações, nascem da cabeça de um indivíduo; onde suas experiências, não só no círculo de trabalho, mas também no círculo pessoal, são imprescindíveis para a objetivação de sua subjetivação, pois uma vez que Sartre parte do princípio de que não há Dialética da Natureza, o homem junto a outros homens, se torna o motor principal de suas ações. É ao fazer o projeto, ao se objetivar em sua realização, que o homem externa sua vontade, suas idéias e suas realizações, seus planos de ser e de sociedade. Planos estes que uma vez expostos não serão mais seus, estarão se multiplicando e se materializando no social, ganhando vida própria, podendo vir a refletir completamente o caráter e as idéias de seu criador ou vir a se tornar um “monstro” algo que o próprio autor não se reconhece mais na obra, que ganhou uma pluralidade muita além do que deveria, deformando-se completamente, assumindo uma roupagem plural, pertencente a todos inscritos na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo – Marxismo - Razão dialética - Sartre.

A filosofia de um autor é fruto da práxis, pois o saber nunca é inerte ou passivo, toda a filosofia é prática até mesmo a que parece ser a mais contemplativa. A filosofia é eficaz enquanto viva na práxis que a criou e a sustenta e que tem o poder de destruí-la. Mas no momento que essa filosofia passa para as mãos do povo, ela se expande e se contrai, ganhando novas características e formas de ser usada. As épocas de criação de grandes filosofias são raras, mas se ela for vista como a totalização de um saber, um método, uma idéia reguladora, arma ofensiva de um movimento social ou comunidade de linguagem, então

---

\* Graduando em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

esta filosofia será uma grande filosofia de seu tempo, capaz de refletir o seu momento histórico, e Marx foi um grande filósofo capaz de gerar a filosofia do nosso tempo<sup>1</sup>.

Para Marx, na produção social de sua existência os homens entram e em relações sociais de necessidade, independente de sua vontade, relações de produção necessárias para sobrevivência do próprio homem. Estas relações que servem de base para as superestruturas políticas e jurídicas e a qual correspondem formas de consciência social determinadas. Na história atual as forças de trabalho estão em conflito, o homem não se encontra mais em seu trabalho, ele se encontra alienado. É necessário, para sair desta situação, o trabalho material e a práxis revolucionária, pois o homem não pode ser julgado a partir de idéias que faz de si mesmo, mas a partir de suas ações. Os fatos humanos são irreduzíveis ao conhecimento, que deve ser vivido e produzido, o que interessa é o homem concreto, definido simultaneamente por suas necessidades, condições materiais de sua existência e pela natureza de seu trabalho, sua luta contra os fatos e contra os outros homens.

A fim de compreender o homem em sua luta de sobrevivência social, Sartre procura demonstrar que o próprio compreender do outro é um movimento de ir além e si mesmo, é modificar-se, compreender a realidade interna do homem nas massas operárias, do proletariado. É o que queria fazer Marx e o que pretende fazer de forma definitiva o existencialismo, dentro do sistema marxista. É uma tomada de posição definitiva em ignorar qualquer tipo de idealismo histórico em favor da vida como ela se dá conscientização e fim de um humanismo, tendo o conhecimento do sub-homem consciente de sua sub-humanidade, sendo o que realmente importa é o homem real em seu trabalho e dor.

Para Sartre o “Marxismo é a filosofia do nosso tempo”<sup>2</sup> e as circunstâncias que o engendram ainda não foram superadas, a luta de classes, de oprimido contra opressor, proletário contra proletariado. É a busca do conhecimento de si e da história. Para ele, tanto o existencialismo quanto o marxismo abordam a experiência vivida, e para conceber a síntese concreta, a percebemos na totalização do movimento e com a razão dialética. O homem só pode fazer sua história sobre o fato de condições possíveis, condições estas que podem ser econômicas, sociais, culturais; pois são as contradições do mundo, dos seres humanos que dão gás ao motor histórico.

---

<sup>1</sup> Para Sartre ainda estamos presos à era marxista e conseqüentemente as revoluções marxistas. Para ele querer superar Marx é regredir a preceitos pré-marxistas, pois não surgiu uma filosofia capaz de superar a de Marx.

<sup>2</sup> *Questão de Método*, p 34.

Marx tinha em si o método de partir do abstrato para o concreto. Concreto esse que é a totalização hierárquica das determinações e das realidades hierárquicas. População, nesse sentido, é uma abstração as classes que formam uma população que é abstrata de mais, porque são palavras vazias. População será um conceito abstrato enquanto não tivermos estabelecido sua estrutura fundamental, no quadro marxista, segundo as regras marxistas. Uma vez que este quadro esteja montado com o uso da razão dialética se chegará à conclusão de que os homens e suas ações é o que há de mais concreto. A sociedade conhecendo seus movimentos e suas características, o movimento das forças produtoras e as relações de produção, ou seja, conhecer os fatos: o homem, a ação, a obra; aparecendo já situado em sua generalidade. Onde o progresso consiste em esclarecer as estruturas mais profundas pela originalidade do fato considerado, para poder determinar em compensações esta originalidade pelas estruturas fundamentais, havendo um duplo movimento.

No entanto falta ao marxismo atual uma hierarquia de produção que seja capaz de apreender o processo que produz a pessoa, pois nem sempre um burguês ira agir como um burguês, só porque uma pessoa se encontra no círculo que a qualifica como um membro de um grupo social, não necessariamente seus atos e seus pensamentos refletiram como os de um membro deste grupo.

Pertencer à burguesia não significa agir como um burguês. É um facticidade a pessoa ter nascido como um burguês, mas pode renegar-se e não agir com um burguês padrão. Pois no círculo familiar, quando se é criança sofre-se muitas experiências pessoais. Conflitos, tragédias, experimentações, que influenciam na sua formação de caráter. A criança vive o universal como particular. Vive no particular de sua casa disputas universais que permeiam o universo de sua época. A partir disto existe uma tomada de consciência de sua própria situação e uma alienação definitiva à sua situação. Saber o que se é e saber o que não quer ser. Pois além de formador de caráter, é na infância que surgem a maioria dos preconceitos quase insuperáveis que irão acompanhar a criança para o resto de sua vida. É no seio do movimento doméstico que se dá o nascimento das ideologias, pois a infância é um acontecimento singular, único, onde somente a psicanálise poderia plenamente dar o conhecimento sobre os tipos de influência que uma criança pode sofrer e vir a se estruturar mentalmente em sua fase adulta. O homem deve ser levado em conta em sua totalidade, desde a criança fruto de seus pais, de seu meio social familiar até a fase adulta. E não partir direto para o homem feito e para a luta de classe. Pois a família é o primeiro meio de inserção do ser humano no mundo social, primeira mediação entre o particular e o universal. E que inicialmente lhe dará a ferramentas para agir no meio social.

As pessoas conhecem mais ou menos as suas condições sociais através de seus grupos de convivência, pois além dos grupos de trabalho, de produção, ela também pode sofrer a influência do grupo habitacional, pois nem sempre os trabalhadores de uma fábrica moram no mesmo local<sup>3</sup>. O grupo de habitação é uma influência do círculo social sobre o indivíduo, onde vive, sendo igual ou até mesmo maior do que a influência causada pelo círculo social de trabalho. Há um hiato entre estes dois grupos que não é muito discutido pelos marxistas contemporâneos. A reação de um grupo social é uma realidade vivida por si mesma e que possui uma eficácia particular, as realidades do grupo, as ações e desejos, possuem sua própria realidade. O grupo habitacional social sendo quase independente, com suas próprias necessidades.

A partir destas considerações acerca do homem em suas relações pessoais e negligenciadas pelos marxistas, ao deixar de abordá-las ou de superficialmente tocá-las, duas críticas são feitas ao Marxismo, como um todo: primeira crítica; o marxismo é capaz de mostrar a superioridade do interesse da classe contra o interesse pessoal e sobre a primazia do mercado que inicialmente é um simples complexo de relações humanas, mas que inevitavelmente acaba se tornando mais real que os próprios homens, sendo o exemplo claro a bolsa de valores. Mas o marxismo permanece incerto quanto à origem destes “coletivos”, esta coletividade social, pois na sua teoria do fetichismo, Marx não chega a trabalhar completamente esta questão. Ele considera o mercado como coisa e que suas inexoráveis leis contribuem para manter as relações entre os homens, mas Marx transforma esta abstração num concreto de uma sociedade alienada, enquanto os indivíduos caem numa abstração. O fato de se ver obrigado a vender a sua força de trabalho não quer dizer que o trabalhador se encontre completamente alienado por ele, já que a realidade do mercado repousa sobre os indivíduos alienados e sobre sua separação. Um estudo dos coletivos demonstraria que estes objetos se caracterizam não por sua unidade, mas por sua perspectiva de fuga, pois sob a base de dados, as relações diretas entre as pessoas demonstram que uma precisa da outra, que vai precisar de uma outra, que também precisará de outra e assim sucessivamente. Precisa-se constantemente de outra pessoa, que não seja si mesmo e que não está presente: “há coação objetiva nas relações concretas, mas não é a presença dos outros, que as ligam, mas sim as sua

---

<sup>3</sup> Diferente do sistema Inglês, onde muitos operários moravam em comunidades próximas, o que ajudou muito no desenvolvimento de grandes cidades industriais, como Coalbrookdale ou Manchester, na França o processo de industrialização foi lento, onde estas comunidades eram escassas e os operários vinham de lugares geralmente distantes e dispersos, não chegando, assim, a se criar grandes comunidades de trabalhadores proletariados.

ausência, que no fundo esta coação, não é união, mas separação”<sup>4</sup>. Para o existencialismo a realidade do objeto coletivo repousa na recorrência, na necessidade, pois é a ausência do outro que pede uma totalidade, que nunca estará completa, sempre pedindo para ser completada, uma totalidade destotalizada.

Segunda crítica: a segunda objeção ao marxismo é que ele nunca se preocupou em estudar os objetos em si mesmos, todos os níveis da vida social, não só no sistema marxista. Para Sartre todo o real ou imaginário, concreto ou abstrato, subjetividade ou objetividade, faz parte do mundo dos homens e deve ser analisado. Diferentes realidades, diferentes relações entre diferentes pessoas, cria uma *multiplicidade de relações* que podem e devem ser estudadas em si mesmas.

Para Sartre o homem faz a história: ele se objetiva nela e nela se aliena. O marxismo tenta, não só fazer a história, mas também apoderar-se dela, prática e teoricamente. Através da captação, do conhecimento do proletariado e de seu uso no sistema capitalista na tentativa de direcionar sua força para o seu próprio bem, ver a unificação do movimento operário, a ação do proletariado. Pois ao fazer este movimento o grupo toma conhecimento de si mesmo, torna-se sujeito na história, reconhece-se nela, tendo o conhecimento claro de sua posição, de suas necessidades e de seus objetivos; reconhecer-se é dar-se conta que o homem é um objeto histórico, que possui a força da transformação, a força do movimento histórico.

Para fugir de espíritos absolutos ou outras entidades sobre-humanas, o existencialismo procura sempre focar-se no ato, mas desviando-se das alienações deste ato no seio do âmbito social, suas determinações; focando-se no agir, mas sem esquecer-se da determinação deste agir. Busca-se o homem capaz de superar-se, que se faz com aquilo que fizeram dele, e que age se situando na sociedade em que vive já a superando, voltando-se para um futuro em busca de fazer algo novo nascer. Este será o seu projeto; partindo de fatores reais e dos meios a mudá-los, dar a si um vir-a-ser, traçar um futuro e buscar realizá-lo. É a práxis negando a realidade e buscando produzir numa nova realidade, se superando além da realidade de seu trabalho e indo em direção do existente ao possível, agindo onde lhe é possível agir. Os homens têm o poder do projeto, se superar a si no campo do possível, pois estão determinados pela realidade social e histórica. No entanto, por mais reduzido que seja o campo dos possíveis, é possível agir.

Os homens constantemente se definem pelas coisas que não podem fazer ou ser, constantemente se auto-limitando, por isso quanto mais esta pessoa ou uma classe sabe sobre

---

<sup>4</sup> *QM*, p. 67.

si mesma mais ela sabe sobre as coisas que ela é capaz de fazer ou ter com o “material” que tem disponível, no campo possível. Estes possíveis são vividos como esquemáticos de um futuro, como o único meio de ser, não vendo alternativa para superação da situação. Ele será o meio para a realização do projeto. Que nada mais é que a mediação de dois momentos: do que é e do que pode vir a ser. Deve-se devolver ao homem singular o seu poder de superação, que se dará através de seu trabalho, de sua ação real no mundo, não podemos julgar um homem por suas intenções ou idéias, mas por suas ações. Somente no real pode-se fundar o movimento de totalização, e a razão dialética será o instrumento para conhecer o homem e suas relações com a natureza e com outros homens. Esta dialética nasce não só da luta entre classes, mas *principalmente* do choque de indivíduos de uma mesma classe, é o resultado de seus comportamentos, do choque de seus projetos pessoais, é uma realidade nova com suas próprias significações, ela não é uma simples mediação.

A dialética nasce como resultado do enfrentamento dos projetos, “somente os caracteres do projeto humano permitem compreender que este projeto seja uma realidade nova e provida de uma significação própria, em lugar de ser muito simplesmente uma média”<sup>5</sup>. Não existem mediações, o que existe é o confronto que será posto à luz e ganhara significado pela Razão Dialética. Este movimento leva Sartre, sob a ótica existencialista, a três considerações: acerca da relação dos homens com a natureza; com suas condições de partida; e acerca das relações dos homens entre si.

Primeira consideração: Sobre o caráter pessoal. Ele começa no círculo social, na infância (onde nascem certos preconceitos, dogmas, alienações). É na infância e puberdade que nascem nossas primeiras revoltas e superar estes momentos é também conservá-los, pois apreenderemos estes acontecimentos da infância e buscaremos superá-los e evitá-los. Para os existencialistas não somos, neste caso, reduzidos as condições materiais de nossa existência (não se deve ignorar o círculo de infância, com suas passagens e significados, que fazem parte do individuo para o resto de sua vida) a pessoa projeta-se para escapar das contradições da própria existência; o vir-a-ser o que não se é e que nunca será completamente. É uma eterna busca de superação de si mesmo, dentro de sua classe, de sua condição de agir. Isto mostra a realidade de sua classe, de si como objeto jogado no mundo vivido, onde o ser objetiva o possível, e onde as contradições demonstram as alienações, é o conhecimento de seu posicionamento no mapa social:

---

<sup>5</sup> *QM*, p. 84-85.

Por isso a motivação da empresa<sup>6</sup> é a mesma coisa que a própria empresa, especificações e projeto fazem parte de uma única e mesma realidade. Projeto este que é vazio de conteúdo já que seus objetivos são ao mesmo tempo unidos e transcendentais. Mas sua coloração, isto é, subjetivamente seu gosto, objetivamente seu estilo, nada mais é que a superação de nossos desvios originais. Esta superação (...) é um longo trabalho; cada momento deste trabalho é ao mesmo tempo superação e, na medida em que se põe a si, a pura e simples subsistência destes desvios a um nível dado de investigação: por esse motivo, uma vida desenvolve-se em espirais; ela volta a passar sempre pelos mesmos pontos mas em níveis diferentes de integração e complexidade.<sup>7</sup>

É um claro movimento dialético que fica evidente ao ser visto sobre a vida de Flaubert<sup>8</sup>, que na infância odiava os pais, invejava o irmão que era bem sucedido e amado pelo pai, era um pequeno burguês, sem grandes aspirações. Ao analisarmos sua biografia veremos que as fases de sua infância até sua fase adulta parecem se repetir, mas elas vão se somando em direção à sua superação, até chegar o momento em que desiste de tudo e decide se tornar um literário. Isto é a soma da complexidade de momentos passados. Tem que se levar e conta que o homem tem sempre em si uma visão de futuro, está preso ao presente, mas tem sempre seu olhar voltado para o amanhã, sempre se lembrando que possui tarefas a cumprir, desvios a tomar, pessoas com quem falar coisas a comprar. Por isso, uma ação, uma tomada de posição, tem em si, no seu âmago, uma pretensão futura, o projeto que busca antever um futuro para projetar a vida, seja ela qual for.

Segunda consideração: o projeto deve atravessar necessariamente o campo das possibilidades instrumentais. Pois a objetivação atravessa este campo dos possíveis e se faz através dele instrumento que é nascido da evolução e da técnica, a tecnologia do conhecer e do agir humano. O projeto do homem, sua ideologia, é nada mais que uma tomada de consciência para buscar uma mudança da si, de superação, e os instrumentos para esta superação se mostrarão pela linguagem e pela própria cultura.

---

<sup>6</sup> Empresa sendo todo o projeto que se tornou objetivo, ou seja, é a materialização no mundo real da subjetivação do indivíduo, seja através de um livro, de uma filosofia, ou de uma ideologia; de um objeto qualquer ou idéia que possa ser apreendida pelos outros.

<sup>7</sup> *QM*, p. 89-90.

<sup>8</sup> Gustave Flaubert foi um literário francês, que viveu no século XIX, autor do clássico “Madame Bovary” obra que causou muito furor quando foi lançada por tratar de temas como a emancipação da mulher, do agir contrário aos preceitos burgueses e da moral católica.

O mundo é um objeto exterior ao homem, não são as coisas que estão no seu interior, é ele que as penetra, adentrando-as e desvelando-as, utilizando-se delas como instrumentos de linguagem e de própria cultura. Assim como as palavras, que são ricas e pobres, pois possuem em si seu próprio significado. Por exemplo, dependendo da época, ao ler um livro, o que uma pessoa escreveu, sem ter um conhecimento prévio das palavras, como elas estão dispostas, qual seu significado, no tempo histórico em que foi colocada, pode causar uma impressão totalmente errada sobre a obra e sobre o autor. Pode-se até mesmo chegar a prepotência de se qualificar todo o grupo de leitores ou de escritores de certo tipo de material incorretamente: as frases permeiam o pensamento e o leitor pode se deixar levar pela mistificação das frases e quando menos percebe, a idéia adquirida é um enorme desvio, algo totalmente mistificado pelas próprias palavras do autor. Algo que pode exemplificar isso é Marquês de Sade<sup>9</sup>, um Aristocrata que só conhecemos pelos seus escritos e que se formos considerar como se fosse um universal, abrangeria todos os monarcas de sua época. Isso sem levar em consideração as interpretações distorcidas de sua obra.

Mas, por mais estranho que seu sistema possa parecer, ao observarmos bem suas obras veremos que Sade se utilizou da linguagem e da própria cultura que o rodeava, dando para si um projeto, que foi objetivado em seus livros, a sua empresa. É a idealização de um homem alienado que quer ultrapassar sua alienação; é, ao mesmo tempo, uma luta de pensamento contra e com os instrumentos sociais e de linguagem. É ela, a alienação ultrapassante, exteriorizada na linguagem. Para Sade compreender esta alienação é compreender sua realidade objetiva.

O Marquês de Sade não pode ser classificado nem como aristocrata nem como burguês, estava de certa forma, à margem de sua classe, ele utilizou os conceitos da classe deformando-os e deformando-se através deles. Aqui, o universalismo revolucionário utilizado pelos burgueses para manifestar-se como a classe universal é falseado por Sade. Pois, por mais louco que possa parecer há em seu pensamento um poder de contestação, pois ele contribuiu para desarticular, pelo próprio uso que delas faz, das idéias burguesas de razão analítica, de bondade natural, de progresso e igualdade, que estavam no centro do pensamento burguês e que eram espalhados para todos. Seu pessimismo era o mesmo dos trabalhadores manuais, que logo perceberam que a revolução burguesa nada lhes deu e que o termo classe

---

<sup>9</sup> Donatien Alphonse François de Sade, ou Marquês de Sade, era um Aristocrata Francês que viveu no sec. XVIII. É atribuído a ele o nascimento do termo médico Sadismo. Autor libertino que contestava o poder da Igreja e da Racionalidade. Fazia forte crítica a sociedade através de suas obras e que moralmente concebia que os homens só poderiam realmente se conhecer numa relação; carrasco-vítima, numa ação de violência e prazer.

universal era um mero engodo. Ele, através de seu ultrapassamento em sua ideologia, consegue ver, consegue superar o sistema de alienação de sua época, lançar-se para fora do sistema atual e ver como ele realmente funcionava.

Existe também uma ambigüidade da Ação Política e Ação Social, que tende a criar contradições profundas, entre as carências, os móveis do ato, deixando o projeto imediato de um lado, e do outro os aparelhos coletivos do campo social, os instrumentos da práxis. Um conflito entre as forças de produção com as relações de produção – um conflito entre as necessidades pessoais e sociais.

Existem conflitos de interesses dentro de um grupo social qualquer, sempre existiram e sempre irão existir. Por exemplo, dentro da classe burguesa, no séc. XVIII existiam os Girondinos, que defendiam a liberdade plena, assim como os outros burgueses, de comércio, de produção, de circulação, mas por trás destes interesses existiam os seus próprios propósitos. Eles agem em nome de uma revolução feita em nome do povo, mas que em nada privilegiava este povo. Assim que a monarquia estava deposta, a revolução deveria terminar o mais rápido possível, pois não era bom para seus propósitos. Existiam inúmeros pequenos grupos, que formavam este grande grupo chamado Burguesia, famílias que lutavam incessantemente entre si, em busca de manter ou aumentar seu poder. O mesmo podendo ser aplicado com os proletariados ou as classes pobres. Não se pode julgar apressadamente um movimento, como se fosse o principio e finalidade de todos, existe sempre um jogo de interesses, onde a união que ocorre porque possuem um ponto em comum, não é tudo. Estas pessoas têm divergências e buscam satisfazer suas próprias ambições, possuem suas próprias alienações.

Nem tudo é uma luta de classe, não há como ignorar os interesses pessoais. Não podemos reduzir o mundo e seus fatos a um dualismo de conflitos, patrão contra empregado, proletário contra proletariado, explorador contra explorado, bem contra o mal. Pois, a luta reflete em si mesma as estruturas das classes e dos grupos envolvidos no conflito. E cada grupo, através da práxis de sua ação, realiza pela sua conduta certa revelação do outro, pois cada um deles é sujeito na medida em que realiza a ação e objeto na medida em que sofre a ação.

O papel do individuo no acontecimento histórico é determinado pelo grupo ao qual ele pertence. O individuo que tem o poder de manter ou desmantelar o próprio grupo, que reflete seus interesses pessoais e suas ações pessoais que se darão dentro do grupo, na medida em que ele lhe dá os meios para agir.

A fim de compreender o homem no meio da ação práxis, dos fatos, o existencialismo parte de um método heurístico, um método regressivo-progressivo. Primeiramente parte em colocar o homem em seu lugar real, conhecendo plenamente a história da Sociedade e todas as suas estruturas e todos os seus conflitos reais e ideológicos. Parte em busca do conhecimento do sujeito onde ele está situado, mas deixando-o abstrato, pois não tem qualquer tipo de pré-juízo sobre ele. Então se deve observá-lo e conhecê-lo, através de sua produção material, ideológica na sociedade civil, no Estado. Buscar compreender a biografia do sujeito para compreender a época (não num sentido de passado distante, mas em qualquer lugar do tempo, há dois anos ou há duzentos anos) e a época para compreende sua biografia. Determinar na época o campo dos possíveis, pois a ação e a vida do homem não podem ser reduzidas a significações abstratas e a atividades impessoais. Deve-se conhecer o sujeito plenamente. Suas obras e suas ideologias, pensamentos, círculos sociais, a situação da economia e da sociedade civil em que se encontra. A singularidade da conduta do indivíduo é a sua realidade concreta, não pode ser vista como um simples traço que é engolido pelo todo social, é o indivíduo total apreendido em seu processo de objetivação. Os princípios são uma direção da totalização, mas não podemos deduzir com certeza as conseqüências diretamente destes princípios. É necessário ir o mais longe e fundo possível na singularidade do objeto e descobrir o máximo possível sobre ele.

Este método consiste num movimento de ir e vir, com o objetivo de enriquecer o objeto com toda a profundidade de história possível, determinar na totalização histórica o lugar ainda vazio do objeto.

Portanto o método regressivo – progressivo pode ser descrito da seguinte forma: regressivo; angariar o maior número de dados históricos possíveis, através de um movimento dialético, mas que ainda não é o movimento em si. Progressivo; é quando a pessoa se ultrapassa e se objetiva, é o projeto que o individuo se dá na busca de sua objetivação, na tentativa de fugir da alienação social em busca de uma auto-alienação. É o projeto de fuga de produzir-se no mundo como objeto objetivado, como totalidade objetiva. Seu projeto é sua objetivação.

Há que levar em consideração que este projeto pode ser desviado pelos instrumentos da coletividade social. Sendo ele mudado pelo próprio meio, tornando-se algo totalmente fora do que foi objetivado pela pessoa ou ela própria mudando sua objetivação; uma ideologia pode muito bem ser completamente deformada para uso dos outros, excluindo completamente o autor da mesma. Seu projeto se deforma e seu autor não consegue mais se ver nele.

Terceira consideração: o homem se define pelo seu trabalho. É o homem superando a própria condição que lhe é dada, transcendendo a própria situação, objetivando-se pelo seu trabalho, sua ação. A objetivação varia conforme a pessoa e seu círculo social, pessoal, de trabalho, de moradia, de infância; dando-se através de escolhas ou liberdades. Isto dará certos meios de compreender a escolha do indivíduo, porque ele escolheu tal ato ou ação, porque escolheu a materialização de seu projeto agindo de tal forma. Pois é o ato ou a obra do indivíduo que revela o seu tipo de condicionamento, a sua ideologia.

O homem é para si e para os outros, significante, já que nunca pode compreender completamente o menor de seus atos, sem vê-lo como resultado de um futuro ainda não completo. E também é um criador de signos, utilizando-se de objetos para designar outros objetos. A compreensão da conduta humana, do homem que esta além de si próprio, se dará através de significações, compreensão e clarificação da ação do outro. Como homens, nós vivemos no mundo dos homens, de seus conflitos e desejos. Classificamos todos os objetos como signos, objetos que possuem um propósito ou que remeteram a outro objeto. Neste quadro o homem também é classificado como um signo, pois o outro não passa de um meio, um objeto que pode ser um empecilho, uma ferramenta útil para a realização do projeto. Mas estes objetos indicam por si só o seu modo de emprego se mostrando como foram “projetados”. Os objetos são signos que se mostram por si só, não possuindo um modo de emprego autônomo, sendo o homem a decidir qual a forma que quer utilizar e entender os signos. Nós somos capazes de ter uma pré-visualização do ato através de signos, por exemplo, ao vermos copos quebrados, garrafas, roupas largadas no chão de um apartamento, logo pré-supomos que houve uma relação entre dois amantes. Mas não quer dizer necessariamente que isso ocorreu. Alguém pode ver isso apenas como uma bagunça, ou como o local de um assalto. Com relação aos homens, ocorre a mesma coisa. Estamos constantemente dando diversas significações aos seus atos, ou aos seus não atos; ou até mesmo a simples presença do outro já é o bastante para prejudicá-lo de uma futura ação que não tenho o mínimo de conhecimento que ele possa fazer ou de algo que ele, imaginariamente, pensa que tenha feito. Isso são pré-conceitos e pré-definições de pessoas que vemos como objetos. Portanto “nossa compreensão do outro não é nunca contemplativa: não é senão um momento para nossa práxis, na maneira de viver, na luta ou na convivência, a revelação concreta e humana que nos une a ele”.<sup>10</sup> Damos diversas significações aos outros conforme o contexto em que nos encontramos nas situações vividas, nossas condutas e ideologias, os acontecimentos coletivos

---

<sup>10</sup> *QM*, p. 120.

contam muito da hora de julgar o outro. O homem é transformado numa simples significação, num símbolo, num obstáculo ou meio para se alcançar um fim. Assim pode-se enquadrá-lo no meio para atingir fim almejado, seguir um líder sindical, pois ele vai lhe representar e expor o que quer, ou deixar de trabalhar por que foi mandado pelo sindicato, enfrentar seus oponentes, pois são obstáculos para seu objetivo com a ajuda de seus companheiros, que não passam de signos, ferramentas que o auxiliam para almejar o fim. Mas não se sabe quais são os projetos destas pessoas que lutam lado a lado, uma até pode saber qual o objetivo imediato a ser alcançado pela outra, mas quais são seus verdadeiros fins e projetos, dificilmente se descobrirá a não ser que estas pessoas se objetivem por completo.

Por isso só podemos compreender as pessoas através de seus fins, ao menos com relação aos homens mais próximos, compreender o que fazem, qual o resultado e o propósito de seu projeto, de seu trabalho. Na sociedade capitalista grande parte dos homens não sabe qual a finalidade de seu trabalho, mais precisamente, não se encontra em seu trabalho, é a alienação desfigurando o resultado de sua práxis.

Devemos reconhecer a existência dos fins em todo lugar em que o homem se encontra, e que muitos destes fins são neutralizados pela própria história do homem. O movimento dialético, que parte do condicionamento subjetivo à objetivação é uma ferramenta de compreensão da finalidade do ato humano e tenta compreender a sua superação em direção a um futuro proposto para si. No fim o que se busca é a própria objetivação do homem. Este que parte em direção há um futuro proposto a partir do presente. É um objetivar-se, sair do subjetivo em direção ao mundo real. É uma fuga do triste fim traçado pelo marxismo, do homem alienado pelo próprio trabalho, pois mesmo que este homem não se reconheça neste trabalho, não quer dizer que ele não tenha como se superar, um novo trabalho a fazer, de si para si, partir em direção a ... A obra de Flaubert é sua objetivação, mas não quer dizer que era sua objetivação total e completa, o homem nunca está totalmente objetivado, ele vive sempre o presente com a visão do futuro, é um eterno vir-a-ser. O fim transforma-se, é uma justa posição de movimentos. No final o objeto concluído deixa de ser um fim para se tornar um produto, ele vira um meio para seu próprio autor e para os outros que irão se apoderar desta empresa.

O movimento dialético no individual de Flaubert produziu sua empresa, que é capaz de produzir um choque de conflito entre os homens e ao mesmo tempo sua união. O mesmo pode ser dito sobre o capital, que se opõe contra a sociedade, mas ele próprio é um poder social. Pois ele, o capitalismo, tornou-se um objeto, que não é uma medianidade entre os homens, mas uma realidade anti-social que se mantém sendo dirigida pela mão do próprio

homem capitalista. Homem este que também é um objeto para as outras mãos dos outros homens capitalistas. São relações entre os indivíduos e suas relações singulares entre si. Não são relações mecânicas, pois cada indivíduo supera o outro e incorpora para si o projeto alheio, são sucessivas unificações, assimilações, simpatizações com projetos alheios. Quando a empresa de um homem ou de um grupo de homens se torna objeto para outros homens, que a superam em busca de seus próprios fins e para o conjunto da sociedade, esta empresa se torna um objeto de unidade, uma finalidade para os outros que buscam não só alcançá-la, mas superá-la. Assim se constituem aparelhos e sistemas que buscam fins que não são mais de ninguém, uma empresa sem dono e ao mesmo tempo com vários donos. Os fins desta empresa, que não eram os fins iniciais traçados pela pessoa que a idealizou, acabam se tornando um objeto cujos objetivos são alienantes. Seus fins sendo buscado por todos, dentro na coletividade social. Fins que não são mais de ninguém, mas que como objetivação alienante de fins realmente perseguidos, tornando-se a unidade objetiva e totalizante dos objetos coletivos, dos homens. Na Sociedade nascem estes fins vivos, e nela perambulam, passando de pessoa para pessoa num processo de subjetivação, objetivação e superação de uma pessoa, grupos ou classe a fins de realizar a sua empresa.

O campo social está cheio de atos sem autor, de empresas sem construtor: se redescobrimos no homem sua humanidade verdadeira, isto é, o poder de fazer a história perseguindo seus próprios fins, então, em período de alienação, veremos que o inumano apresenta-se sob as aparências do homem e que os 'coletivos', perspectivas de fuga através dos homens, retêm em si a finalidade que caracteriza as relações humanas<sup>11</sup>.

A compreensão entre os homens se dá principalmente através da linguagem e dos signos, com seus próprios valores e significados, mas o que realmente marca a sua passagem é a sua práxis, sua ação junto aos outros homens. Ele age entre si objetivando-se, pois eles próprios não são apenas fins, mas meios para a realização de seus próprios projetos e os projetos de outras pessoas.

Este saber sobre os homens, transformados em objetos começa com a apreensão do todo, da realidade do homem vivido em sua totalidade histórica e estrutural. Apreendendo o homem em suas condições materiais, as condições de agir, de ser capaz de fazer a ação. O existencialismo tenta olhar onde o Marxismo deixou de olhar, voltar-se para os

---

<sup>11</sup> *QM*, p. 134.

acontecimentos e não aos princípios das doutrinas envolvidas. Ele tenta o descerramento dos homens e seu agir, num movimento dialético histórico, partindo do todo social e adentrando o homem singular, para depois voltar à realidade social. Tenta-se com isso situar o homem em sua classe, na relação com os outros homens dentro de sua classe e dos conflitos entre as classes a partir dos modos e das relações de produção e de conduta, de relacionamento. É pegar o homem em suas singularidades e chegar à pluralidade, homem este, que é capaz de pensar por si só, mas que também é vítima de transformações ideológicas, seguindo princípios, preceitos e idéias, que se interroga e é interrogado. Ele age em sua área de possibilidades de agir e que também faz parte de inúmeros círculos sócias, habitacionais, de trabalho e do círculo de sua classe, operaria ou não; proletário ou proletariado, rico ou pobre. As suas condições materiais de agir, que o homem sabe conscientemente o que possui e o que não possui, são os meios para agir e dão a consciência de sua posição social, como pessoa rica ou pobre, livre ou escrava, explorada ou exploradora.

O homem que busca o conhecimento de como agir em busca de realizar o seu projeto, busca se ultrapassar em direção a... (algo) e isso é a fuga de sua alienação em direção a outra alienação, mas desta vez à sua própria. A ação que só será possível ocorrer quando este homem souber a real condição de sua historicidade e de sua práxis. O agir dentro do círculo social pode ser uma busca plural ou singular, mas quando esta busca, esta ideologia, que já não é mais uma ideologia de ninguém e sim de todos, uma empresa que foi apoderada por todos os cidadãos de determinado círculo social, estas pessoas agem em direção a esta objetivação idealizada por esta ideologia. É a união sob uma ideologia em busca de um bem comum, as pessoas ficam sob uma bandeira comum a todos não porque existe um espírito ou manifestação metafísica, mas porque o homem em busca de sua objetivação se encontra num ponto, nesta empresa pertencente a todos, na busca de um bem estar para si, um objetivo que é buscado por todos dentro do círculo social. Eles movem esta ideologia na práxis da história e através dela buscam realizar suas necessidades próprias, onde o outro é mais um, um meio para a realização dos fins de outra pessoa, para a objetivação de sua subjetivação, para a materialização de sua empresa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERNANDES, Florestan (org.). *Grandes Cientistas Sociais. Marx Engels*. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Luciano Donizete da. “Para si e para os outros. *Discutindo Filosofia Especial*”. São Paulo, n° 2, p. 45-48.